

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação



1290001953



FE

TCC/UNICAMP Z15m

MUSICALIZAÇÃO PARA BEBÊS

DANIELLE MOREIRA ZANCHETTA

200507023

Campinas
2004

Sib id 343869

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	Z15m
V:	EX:
TOMBO:	1553
PRG:	8612005
C:	X
PREÇO:	2811,00
DATA:	30/03/05
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Z15m

Zanchetta, Danielle Moreira.

Musicalização para bebês / Danielle Moreira Zanchetta. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Jorge Luiz Schroeder.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Música. 2. Crianças. 3. Movimento. 4. Educação infantil. I. Schroeder, Jorge Luiz. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-248

MUSICALIZAÇÃO PARA BEBÊS

Trabalho de conclusão
de curso apresentado
como exigência parcial
para a obtenção de
título de Bacharel em
Pedagogia, sob
orientação do Professor
Jorge Luiz Schroeder.

Banca examinadora composta pelos professores:

Jorge Luiz Schroeder (Orientador)

Silvia Cordeiro Nassif Schroeder (2º Leitora)

Dedico este trabalho aos meus pais, Silvio e Solange, ao meu querido esposo Sandro e a minha filha Isabelle.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus que ajudou e me abençoou dando muita força durante estes quatro anos de graduação.

Agradeço de coração a meus pais, por todo apoio nestes meus anos de graduação, pois se não fosse por eles, não teria chegado onde estou hoje.

Agradeço aos meus irmãos pelo carinho e apoio nos estudos para realizar meu sonho de ingressar nesta universidade.

Agradeço ao meu querido esposo pelo amor, carinho, compreensão e paciência desde o primeiro dia de faculdade estando sempre do meu lado, me apoiando e me dando força para nunca desistir.

Agradeço a minha amada filha, que nasceu durante os estudos e, é o melhor presente que já recebi de Deus.

Agradeço ao meu orientador Jorge pelo acompanhamento profissional, acadêmico e também pessoal neste tempo que convivemos.

Agradeço minha segunda leitora Sílvia pelas considerações finais e contribuições necessárias à finalização deste trabalho.

INDICE

Resumo	01
Introdução	02
Capítulo I	
Estudo de Esther Beyer	04
Capítulo II	
Estudo de Beatriz Senoi	09
Capítulo III	
Estudo de Teca Alencar	14
Capítulo IV	
Estudo de Nicole Jeandor	22
Considerações Finais	25
Bibliografia	27

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso abordará a importância da música na vida dos bebês.

Por ser ainda um assunto recente e pouco estudado, o trabalho terá o apoio principalmente dos resultados de experimentos feitos por pesquisadores da área do desenvolvimento musical infantil, que discutem os efeitos que a música traz para o bebê, e que consideram-no não apenas um ouvinte passivo e pouco sofisticado, ao contrário do senso comum.

Foram feitas pesquisas relacionadas à percepção e à cognição musical do período pré-natal ao primeiro ano de vida, discutidos os usos da música durante a primeira infância em contextos educacionais e terapêuticos, identificadas as relações do bebê com seus pais como influência na sua interação com a música, quais os tipos de movimentos que os bebês realizam nas aulas de música, quais os materiais musicais adequados para se trabalhar com os bebês e com as crianças menores e que tipo de música são mais adequadas para os bebês.

Introdução

A escolha do tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, **Musicalização para bebês**, foi devido as minhas duas grandes paixões, que são a música e as crianças, principalmente os bebês.

A música entrou em minha vida há anos atrás devido à paixão por um instrumento, o piano. Aos 10 anos de idade, comecei a aprender este que para mim é um instrumento divino, com uma professora muito especial, que me ensinou sobre a música de uma forma encantadora, sendo que suas aulas me davam muito prazer e felicidade.

Foram várias as professoras que tive durante os seis anos que me dediquei ao piano, sendo diversas e ricas as minhas experiências, como no conservatório de música, onde tive aulas práticas e teóricas. Mas houve uma professora em particular que me marcou muito, de cujas aulas eu sai com uma carga muito grande de conhecimento. Ela era uma senhora que dedicou sua vida inteira ao piano passando para seus alunos todo seu conhecimento, emocionando a todos quando tocava aquelas lindas músicas que nunca mais vou esquecer, e me deixando cada vez mais apaixonada pelo instrumento. Foi com ela que participei, tocando, da primeira e, talvez, da última audição de música.

Depois de alguns anos, após ter parado de estudar o instrumento, casei-me com um homem também apaixonado pela música, e passamos a tocar juntos, mantendo a música sempre presente em meu lar. Desde, então, o sonho de ser mãe logo se realizou, e a música também esteve presente durante toda minha gestação, trazendo muita paz e tranquilidade para meu bebê, que ainda estava dentro de mim. Após o nascimento de Isabelle, a música continuou muito presente nos momentos de brincadeira e de sono tranquilo.

Quando minha filha completou oito meses, adquiri um vídeo musical educativo e, observando-a assistir, percebi que sua atenção estava toda voltada para o vídeo em virtude dos sons e movimentos que ele produzia. A partir de então, tenho notado que seu interesse pela música tem ficado maior a cada dia, o que me dá grande satisfação.

Com este trabalho pretendo iniciar uma reflexão mais atenta à questão das relações dos bebês com a música porque conjugam dois grandes interesses meus. Pretendo mostrar, através de vários autores que estudaram o assunto, os efeitos benéficos que a música pode trazer para o bebê, desde o período pré-natal até os dois primeiros anos de vida.

O estudo Esther Beyer mostrará como a relação do bebê com seus pais pode influenciar sua interação com a música, levantando também as reações dos bebês através dos diferentes tipos de movimentos físicos que realizam nas aulas de música.

O estudo de Beatriz Senoi Ilari discute os usos da música do período pré-natal à primeira infância em contextos educacionais e terapêuticos.

O estudo de Teca Alencar abordará sobre quais atividades e materiais musicais são mais adequados ao trabalho com bebês. Por exemplo, o trabalho com a voz do bebê, que é um instrumento natural e o meio de comunicação e expressão desde o nascimento, dando dicas de como desenvolver um bom trabalho vocal nessa idade. Cita também sobre a importância dos jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluindo os acalantos, as parlendas e brincos, e por último fala da importância de se contar histórias.

O estudo de Nicole Jeandor fala sobre a importância da música desde a gestação, sobre o ritmo e os gestos espontâneos que a criança faz, sendo esta um ser “rítmico – mímico” e também fala sobre o papel do educador diante do trabalho com a música.

Capítulo I.

Estudo de Esther Beyer

A pesquisa feita por Esther Beyer teve como objetivo observar de que modo a relação do bebê com seus pais influencia sua interação com a música, apresentando alguns resultados sobre o desenvolvimento dos bebês e observando seu uso dos instrumentos, suas trocas sonoras com os pais, seus movimentos, a fim de delinear as maneiras mais propícias de estimular musicalmente as crianças pequenas.

Foi observado como os pais se alegraram de estar dividindo momentos prazerosos com a música e seus bebês. Num processo de musicalização, conforme os bebês crescem, vão se mostrando cada vez mais envolvidos com a música, acompanhando-a com dança, balbucios, sorrisos e gargalhadas, sacudindo instrumentos de todos os modos possíveis. Algumas crianças pareceram realizar as atividades musicais de modo mais tímido ou de modo dispersivo, o que levou a autora a pensar que talvez a ligação do bebê com a música poderia estar relacionada mais diretamente à forma como a mãe ou as pessoas que a acompanha se vinculam à aula de música e, sobretudo à própria música.

Nesta pesquisa, muitos vídeos do Projeto “Música para bebês”, do Departamento de Música (UFRGS) foram analisados, mostrando cenas de diversos bebês, de diversas idades, na situação da aula de música, ou ao final da aula. Também foram filmados alguns vídeos na casa dos bebês para demonstrar a influência do vínculo afetivo na construção musical do indivíduo. Pôde-se observar nestes vídeos, que alguns bebês conseguiam rapidamente participar das aulas com vocalizações e movimentos, ao passo que alguns pareciam levar muito mais tempo para que esta participação ocorresse.

Em relação ao comportamento das mães nas aulas de música, observando a dupla mãe-bebê, segundo a autora, pôde-se perceber que havia interferências tanto positivas quanto negativas da mãe (ou do acompanhante) no desenvolvimento musical dos bebês, o

que a levou a classificar diferentes modelos de interação, que podem ser relacionados aos diferentes tipos de relação mãe-filho (adulto-bebê). Contudo, as duplas vão modificando seu padrão de interação à medida que a criança vai crescendo. A musicalização, nesse sentido, deve oferecer, segundo Beyer, o rumo a um modo mais equilibrado e produtivo de contato musical para o bebê.

Quanto à classificação que propõe Beyer, o primeiro tipo é o da mãe ou do pai tímidos ou pouco participantes, que por razões diversas não cantam nem dançam, ou seja, faz muito pouco em aula. O segundo tipo é o da mãe exagerada, que quer ela mesma fazer tudo intensamente, esquecendo às vezes de seu bebê para aproveitar ela mesma a aula de música. O terceiro tipo é o da “mãe perfeita”, que está sempre preocupada que seu filho faça todos os exercícios corretamente. O quarto tipo é o da mãe mais equilibrada, que estimula seu bebê para que participe e enfrente os desafios, mas que também permite, ou pelo menos suporta, que seu bebê cometa “erros” como parte das explorações.

A partir das cenas analisadas, pôde-se perceber modos distintos de ações dos adultos sobre as crianças, e que estas ações levaram a diferenças nos processos de aprendizagem musical. A primeira concepção a respeito desses modos de agir sobre a criança é **“eu sei e o bebê não sabe”**. A mãe supõe saber tudo aquilo que o bebê deve fazer, sentir, saber, tendo pouco espaço para que seu bebê venha ele próprio a experimentar alguma coisa por conta própria, levando o bebê a fazer o que a mãe diz que é para ser feito ou espera que faça. A segunda concepção é **“o bebê sabe o que faz”**, onde temos uma mãe que supõe que seu filho é como uma semente na terra, isto é, à medida que o tempo passa e se tiver as condições, crescerá conforme uma seqüência já pré-fixada pela natureza, deixando-o livre “para que se desenvolva”. Nesta concepção, há espaço para as crianças desenvolverem muitas iniciativas, mas como elas não encontra eco nas ações da mãe, a criança logo abandona suas tentativas para se dedicar a outras buscas musicais, ocorrendo como consequência uma falta de aprofundamento nas propostas, ou seja, na consolidação de esquemas rítmicos, vocais ou motores. A terceira concepção é **“meu bebê pode aprender”**, na qual a mãe acredita que a criança é capaz, sendo muito forte a interação entre mãe-bebê, pois quando, por exemplo, o bebê faz um som, a mãe responde

prontamente e o bebê por isso continua, desenhando-se assim uma situação ideal para que o bebê interaja com a música. A mãe e a família em geral, nesta situação, tem muita expectativa em relação a aula de música, participando intensamente em todas as atividades valorizando e respondendo todos os sons provocados pelo bebê.

Enfim, cada criança segue as preferências e características sonoras que considera mais desafiantes, havendo diferenças marcantes entre elas, pois seguem lógicas cognitivo-musicais diferenciadas. Com relação ao modo de interação mãe-filho, pode-se traçar um paralelo também entre os modos de interação professor-aluno, onde o professor leva para a sala de aula sua concepção de aprendizagem, deixando geralmente de refletir sobre suas estratégias de ensino, estes deveriam investigar mais a respeito de suas atividades para poderem propiciar um desenvolvimento cognitivo-musical mais completo a seus alunos. Os processos cognitivos só podem acontecer quando passam pela questão afetiva, sendo que qualquer aprendizagem musical nos bebês e nas crianças pequenas vai passar necessariamente pela relação entre música e os adultos que com ela convivem – pais, babá, avós ou professores – não esquecendo que essa relação é percebida pelas crianças mesmo quando ainda se encontram em um momento de comunicação não verbal.

Outra pesquisa feita por Esther Beyer foi “A dança dos Bebês”, que teve como principal objetivo levantar os diferentes tipos de movimentos de acordo com cada faixa etária, na aula de música. Vários pesquisadores vêm estudando o desenvolvimento musical da criança nos primeiros anos de vida, acreditando que o aparecimento do interesse pelos primeiros sons musicais no bebê tem sido muitas vezes considerado como o início de um desenvolvimento musical.

Através das pesquisas e observações feitas por Esther Beyer em seu Projeto “Música para bebês”, pode-se chegar a conclusão que há outros modos de acompanhar o desenvolvimento musical do bebê, além da manifestação vocal, sendo que o conhecimento construído pela criança sobre o mundo que a cerca está diretamente ligado aos esquemas motores e sensoriais que desenvolve nos primeiros anos de vida, acreditando que os sons ouvidos pelo bebê são assimilados desta forma. Isto é demonstrado na pesquisa feita por

Klaus & Klaus (1989, citado por Beyer) numa filmagem feita de um bebê recém nascido que responde com movimentos à fala que a ele está sendo dirigida, isto é, seus movimentos de braços e pernas é bastante coerente com a linha de entonação dirigida a ele, supondo que este bebê está apreendendo o mundo sonoro que ouve através dos movimentos que produz, processando e organizando seu conhecimento sonoro.

Em outra pesquisa feita por Klaus & Klaus (também citada por Beyer), refere-se aos estados diferentes em que o bebê intercala sua rotina durante sua vida inicial. São apresentados cinco estados divididos entre dois principais: o de **vigília** e o de **sono**. O estado de sono se subdivide ainda em duas outras modalidades: o sono *tranquilo* e o sono *ativo*. Já o de vigília se subdivide em *alerta inativo*, *ativo* e *choro*. O alerta inativo é mais um estado de atenção total a um evento ou pessoa, e está relacionado a tudo que cerca o bebê. Ou seja, logo após o nascimento, o bebê busca perceber e captar todas as vozes, sons, cores e sensações, passando por um período chamado de inatividade alerta. No alerta ativo, o bebê se movimenta produzindo sons, olhando para todos os lados quando está inquieto ou quando quer se alimentar.

Foi observado por Beyer que durante as aulas de música os bebês se movimentavam de diferentes formas. Supôs que os movimentos não fossem aleatórios ou casuais e o objetivo desta pesquisa levantar os diferentes tipos de movimentos típicos de cada faixa etária.

Diante de diversas experiências sensoriais e motoras associadas à música, através de uma rotina de atividades musicais com bebês acompanhados de seus pais, a pesquisa de Esther Beyer consistiu no mapeamento e análise dos movimentos físicos dos bebês de 0 a 2 anos produzidos durante essas atividades musicais. Primeiramente, o trabalho se concentrou em levantar quais movimentos apareciam nos bebês, dando prioridade aos movimentos de braço, perna, mão e cabeça, observando com que frequência ocorria o contrair, esticar, mover, balançar, não havendo preocupação com o desenvolvimento de movimentos típicos de cada bebê separado.

Percebeu-se nos resultados a diferença dos movimentos entre as faixas etárias, entre atividades diferentes e entre crianças com mais ou menos tempo no programa. Beyer notou que os bebês de 0 a 6 meses, que eram os mais novos do grupo, pouco se movimentavam durante a música, mas logo que esta parava, para poder dar instruções aos pais ou trocar o CD, eles começavam a se movimentar, sendo encontrados no estado alerta ativo. Poucos bebês de 3 e 4 meses apresentavam alguns movimentos durante as atividades musicais, tratando-se apenas de movimentos lentos de braços e pernas, semelhantes que se apresentam no período pré-natal, dentro do útero.

A análise de resultados chegou a conclusão de que algumas atividades produziam mais movimentos, e que também o padrão destes movimentos se modificava de atividade para atividade e à medida que a criança ia crescendo, ligando-se a novas possibilidades que anteriormente não eram dominadas.

Nestas aulas de música, ainda segundo Beyer, foi possível observar a descoordenação de movimentos de crianças que ingressam mais tarde no programa, sendo que muito deles não deixam de realizar as mesmas tarefas, mas há uma grande empolgação pela novidade que esta atividade de música representa para eles, mesclada a um descontrole involuntário sobre a tarefa em si que deve ser realizada. Esta impulsividade pode dever-se ao fato desta criança não ter muitas oportunidades para interagir de modo regular e organizado com atividades musicais. As crianças mais antigas no programa primeiramente observam longamente a professora com todo o cuidado antes de iniciar sua ação, diferentes das novinhas, que logo se atiram na tarefa, causando um desequilíbrio entre a ação, a percepção e a reflexão.

Concluindo a pesquisa, Esther Beyer diz que para podemos nos aproximar de uma educação musical infantil mais equilibrada e mais efetiva deve-se adequar o padrão motor do bebê com as atividades sensoriais – ouvir, apalpar, sentir, olhar – e talvez permitir que o bebê simplesmente esteja ali inativo, mas captando tudo que o cerca.

Capítulo II.

Estudo de Beatriz Senoi

Segundo esta pesquisa, o uso da música no primeiro ano de vida, que é um importante período do desenvolvimento infantil, está associado à criação de ambientes sonoros que propiciem o sono ou o entretenimento do bebê.

Para cada uma destas finalidades há um estilo de música específico: as canções de ninar, que são geralmente mais lentas com a finalidade de acalmar e estimular o sono; e as canções de brincar, que são geralmente mais rápidas, apresentam jogos de palavras ou sugestões de movimentos corporais que auxiliam a percepção auditiva e o desenvolvimento da coordenação motora, da sociabilidade, da linguagem e da musicalidade do bebê. Tanto as canções de ninar como as canções de brincar empregam intervalos melódicos pequenos, ritmos bastante simples e uma quantidade grande de repetições de frases musicais, sendo consideradas apropriadas para os bebês e crianças em geral.

Muitas informações foram obtidas por esta pesquisa sobre o ambiente acústico sonoro do útero humano através de experimentos realizados utilizando métodos de inserção de microfones minúsculos no útero de gestantes em trabalho de parto e logo após o parto. Descobriu-se que é a partir da 32ª semana de gestação que o feto já tem o sistema auditivo completo e escuta relativamente bem, sabendo-se que o útero materno é bastante barulhento e que contém sons constantes de frequência baixas acrescidas dos sons cardiovasculares, intestinais e placentários, sendo que estes sons constituem uma espécie de fundo acústico no qual outros sons externos emergem e podem ser reconhecidos (como algumas vogais e contornos melódicos ou entonação da fala), fazendo do ambiente acústico uterino um universo sonoro rico e único proporcionando ao bebê uma grande mistura de sons externos e internos.

Os bebês, a partir desse estágio, são muito atentos ao ambiente sonoro apreendendo sons diversos tanto de músicas como de linguagem, não sendo passivos ao som do

ambiente acústico uterino. Com apenas três dias de vida, os bebês reconhecem e preferem a voz materna à voz de outra mulher, reconhecem histórias, rimas, parlendas e canções ouvidas durante o último trimestre da gravidez. Esses bebês expostos à música durante a gravidez exibem mudanças em batimentos cardíacos corporais quando a mesma música é tocada após o nascimento, concluindo-se então, que o aprendizado musical pode começar quando o bebê ainda está dentro do útero.

Foram feitos estudos experimentais referentes à percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida, descobrindo que do terceiro trimestre de gravidez ao terceiro mês de vida pós-natal, os bebês preferem ouvir notas e sons graves, e escutam-nos com maior facilidade do que os sons agudos. Por volta dos seis meses de vida os bebês preferem, e tem maior facilidade em ouvir, os sons agudos, e é somente por volta dos dois anos de idade que a audição dos bebês para sons agudos vai estar semelhante à de um adulto normal.

Segundo a autora, contorno melódico são mais que notas isoladas, aparentando ser vital na percepção musical dos bebês, pois estes processam informação sobre altura musical baseando-se no contorno melódico (ou no sobe-e-desce das notas). Esses contornos melódicos são importantes para o bebê porque carrega mensagens afetivas presentes tanto nas canções de ninar quanto em frases da fala materna. Os contornos em formato de sino (sobe-e-desce) são normalmente usados para captar a atenção do bebê, e são característicos da fala materna e das canções de brincar; já os contornos melódicos que apresentam notas sustentadas e depois descendentes estão normalmente associados ao ato de acalmar o bebê, estando presente na fala materna e nas canções de ninar. Os contornos melódicos estão presentes tanto nas canções infantis (nas melodias), quanto na fala (na entoação), exercendo um papel importante na comunicação entre o bebê e seu responsável.

Os pesquisadores interessados pelo desenvolvimento musical dos bebês preocupam-se com as questões do inatismo e da aculturação, como no caso de Beatriz Senoi que investigou se os bebês e os adultos seriam capazes de detectar pequenas desafinações (menores do que meio-tom) em melodias baseadas em escalas maiores e menores ou na escala javanesa chamada *pelog*. Os resultados indicaram que os bebês foram capazes de

detectar pequenas desafinações em todas as escalas, enquanto que os adultos tinham maior facilidade em detectar as desafinações apenas nas escalas maiores ou menores. Isto fez com que ela concluísse que a aculturação é um fator preponderante no desenvolvimento musical, não se podendo negar ao fato de que os bebês parecem possuir algumas capacidades cognitivas inatas com relação à audição, sendo possível também que da mesma forma que os bebês nascem com a capacidade de ouvir vários fonemas, capacidade que se perde com a exposição à língua materna, aonde os bebês chegam ao mundo com uma capacidade análoga de ouvir notas musicais, capacidade que se perde com a exposição à música de sua própria cultura.

Mesmo a harmonia sendo um dos elementos musicais mais difíceis para o aprendizado, segundo a autora, soube-se com as pesquisas que mesmo antes de completar um ano de vida, os bebês fazem distinções entre acordes consoantes e dissonantes, preferindo escutar acordes consoantes. Os bebês parecem ter preferência por harmonias simples em oposição às complexas, o que de certa forma justifica a utilização de músicas com acompanhamentos simples no ensino de bebês.

Devido ao fato constatado da voz materna ser o timbre favorito dos bebês, pela proximidade que mantém com a mãe e por isso ser ouvida com grande frequência mesmo antes do nascimento, estudos foram feitos sobre a percepção de vozes humanas. Apesar do timbre ser um elemento musical de fácil discriminação para as crianças pequenas, pouco se sabe sobre a percepção do bebê com relação à diferenciação dos sons dos instrumentos musicais. Um exemplo para isto foi um estudo realizado por Beatriz Senoi com bebês de oito meses, indicando que estes conseguiam associar os sons de instrumentos como trombone, viola e violoncelo, com imagens apresentadas em monitores de televisão sincronizados com uma mesma trilha sonora.

Existem em várias culturas o hábito de se cantar para acalmar ou entreter o bebê, existindo diversos cantos destinados a isto com características particulares e especiais, como o uso de um registro vocal mais agudo, andamentos mais lentos e uma expressividade mais acentuada, do que no caso de canções dirigidas aos adultos, existindo então vários fatores

que diferenciam o canto dirigido aos bebês, como os estilos das canções, os contextos nos quais as canções estão sendo utilizadas, o sexo do bebê e o papel social do responsável, pois pais e mães cantam de maneira diferente aos seus bebês.

Investigando os cantos de pais e mães de bebês de seis a nove meses, Senoi encontrou diferenças fundamentais na periodicidade do ato de cantar e na escolha do repertório, onde as mães cantam, mais vezes do que os pais, canções infantis simples e estereotipadas, enquanto os pais cantam vários estilos, incluindo canções destinadas aos adultos, à comerciais de televisão e canções inventadas. O canto dirigido ao bebê é considerado, segundo a autora, importante no desenvolvimento infantil porque influencia na interação dos bebês e seus responsáveis.

O que se pôde constatar também com este estudo foi que a importância da música e do canto dirigido ao bebê não se limita apenas à relação bebê-pais/responsáveis, mas também tem muitos benefícios aos bebês prematuros e sob risco de vida, para gestantes, crianças e adolescentes hospitalizados. As intervenções musicais nas incubadoras dos bebês prematuros tem auxiliado na estabilização dos níveis de saturação de oxigênio, na redução de perda de peso, na redução de estresse e na redução de dias de hospitalização. O uso de canções de ninar nas incubadoras tem ajudado também no aprendizado do ato de sugar, que é muito difícil para muitos bebês prematuros, auxiliando na redução da cólica infantil, que é um problema sério enfrentado por vários bebês.

Um dos papéis principais do educador musical, como nota Senoi, é, portanto, incentivar os pais a cantar para seus bebês, sendo que o canto auxilia no desenvolvimento da relação afetiva entre pais e filhos, conscientizando os pais da importância que estes têm na educação de seus bebês, sendo responsáveis pelo incentivo às atividades musicais de seus filhos no dia-a-dia, seja através do canto, da escrita musical passiva e ativa ou pela criação de ambientes sonoros dentro de casa durante a rotina da criança. Por isso, é que os programas de educação musical dirigido aos bebês, ainda segundo Senoi, deveriam visar o ensino dos bebês e o ensino dos pais, onde cabe ao educador musical destes programas o preparo das atividades e o incentivo aos pais, para que estes se sintam confiantes e

desenvolvam o hábito de cantar com frequência para seus bebês, estejam acompanhados de instrumentos ou não. O preparo das atividades para esses programas pode incluir o ensino e a aprendizagem de canções de ninar e de brincar, rimas, parlendas, jogos musicais, sempre acompanhados de movimentos corporais como o balanço ou a dança, apropriados para bebês e seus responsáveis.

A pesquisadora conclui neste artigo, que os bebês são ouvintes sofisticados desde a mais tenra idade, ou seja, já vem ao mundo com certas predisposições para processar sons musicais, ainda que essas habilidades, que já estão presentes desde o nascimento do bebê, tendam a se modificar com o decorrer do desenvolvimento infantil, com a exposição musical e com a aculturação.

Capítulo III.

Estudo de Teca Alencar

Como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música, em sua diversidade e riqueza, permite-nos conhecermos melhor a nós mesmos e aos outros – próximos ou distantes. Por isso, é tão importante conhecer e preservar nossas próprias tradições musicais quanto conhecer a produção musical de outros povos e culturas e, desse modo, explorar, criar e ampliar os caminhos e os recursos para o fazer musical.

Teca coloca que, no dia a dia das creches e pré-escolas, a linguagem musical deve contemplar atividades como trabalho vocal, interpretação e criação de canções, brinquedos cantados e rítmicos, jogos que reúnam som, movimento e dança, jogos de improvisação, sonorização de histórias, elaboração e execução de arranjos (vocais e instrumentais), invenções musicais (vocais e instrumentais), construção de instrumentos e objetos sonoros, registro e notação, escuta sonora e musical atenta, apreciação musical e reflexões sobre a produção e a escuta.

Os materiais musicais adequados para se trabalhar na Educação Infantil, com crianças de 0 a 6 anos, devem ser os confeccionados pela própria criança, como os brinquedos sonoros populares, instrumentos étnicos, materiais aproveitados do cotidiano e muitos outros, com o cuidado de adequar materiais que disponham de boa qualidade sonora e não apresentem nenhum risco à segurança de bebês e crianças. Os brinquedos populares podem ser, assim, muito valorizados, como a matraca, o rói-rói ou berra-boi, os piões sonoros, além dos tradicionais chocalhos de bebês (alguns dos quais possuem timbres muito especiais). Pios de pássaros, sinos de diferentes tamanhos, brinquedos que imitam sons de animais, entre outros, são materiais interessantes que também podem ser aproveitados na realização das atividades musicais. Os pequenos idiófones¹ por suas características, são os instrumentos mais adequados para o início das atividades musicais com crianças. Sacudir um chocalho, ganzá ou guizo, raspar um reco-reco, percutir um par

¹ Idiófones são instrumentos em que o som é produzido pelo próprio corpo do instrumento como os chocalhos, sinos etc.

de clavas, um triângulo ou coco é gestos motores que podem ser realizados desde cedo, mas o mais importante é permitir e estimular a pesquisa de possibilidades para produzir sons em vez de ensinar um único modo “correto” de tocar cada instrumento.

Segundo Teca, a voz é um instrumento natural que é um meio de expressão e comunicação desde o nascimento. O bebê chora para comunicar desconforto, fome ou necessidade de ser levado ao colo, de ser acarinhado, ninado. Está atento para ouvir os sons vocais ao redor e responder a eles, à voz materna, paterna ou de qualquer adulto responsável por seus cuidados. O contato que o bebê estabelece com os adultos e a possibilidade de imitá-los, inventar sons vocais e responder a eles são muito importantes para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e também musical.

Muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo das potencialidades vocais dos bebês mostram que eles são capazes de reproduzir os sons vocais que ouvem. O educador e pesquisador espanhol Pep Alsina afirma que

o bebê não somente tem a capacidade de perceber sons (musicais da fala, ambientais, etc.) como também se expressa em todas as situações, organizando, pouco a pouco, o mundo sonoro que percebe e formando uma ordem prática, que lhe permitirá comunicar-se, com a voz ou batendo com qualquer objeto ou sobre qualquer objeto. Com a idade de aproximadamente um mês e meio, o bebê já emite sons de diferentes alturas (mais graves ou agudos), os quais, ainda que não formem melodias, permitem que ele chame a atenção à sua volta. (P. Alsina, 1997, p.36, citado por Brito, 2003, p.87)

Alsina diz que, ainda que o bebê já cantarole algumas linhas melódicas antes dos seis meses, é a partir daí que ele começará a balbuciar os sons que irá ordenar e classificar, produzindo as primeiras comunicações verbais entre ele, o pai e a mãe, e essa comunicação pela fala vai se concretizando paulatinamente com o desenvolvimento da habilidade de emitir vogais perto dos nove meses e, consoantes perto dos doze meses. Até os dois anos, o desenvolvimento musical é muito intenso e a voz, integrada ao movimento, é um elemento de grande importância nesse contexto.

Para se desenvolver um bom trabalho vocal com os bebês e com as crianças, além de cantar, Teca sugere brincar com a voz, explorando possibilidades sonoras diversas, como imitar vozes de animais, ruídos, o som das vogais e das consoantes, preocupando-se em enfatizar a formação do lábio, entoar movimentos sonoros do grave para o agudo, vice e versa etc.

É possível usar como atividade musical a sonorização de histórias, contos de fadas, livros com imagens de paisagens diversas e desenhos de animais utilizando apenas sons vocais. O ideal é que isso ocorra num ambiente motivador e descontraído, livre de tensões exageradas, que podem comprometer a qualidade dos resultados. O educador atuará como modelo e um dos responsáveis pelo desenvolvimento vocal das crianças falando e cantando para elas, devendo tomar o cuidado de formar bons hábitos, como não gritar, não forçar a voz, inteirar-se da região (tessitura) mais adequada para que as crianças cantem, respirar tranquilamente, manter-se relaxado e com boa postura. O educador deve também observar se entre seus alunos existem crianças que têm a voz rouca permanentemente, que insistem em falar gritando ou fazendo força excessiva, o que pode ser sinal de problemas futuros, encaminhando-as aos especialistas competentes.

É muito importante brincar e cantar com os bebês e com as crianças, pois isso desenvolve um vínculo afetivo e prazeroso entre eles e os adultos, sejam pai, mãe, educador, ou responsável. O adulto, visto por Teca como o modelo para os bebês e para as crianças, não deve cantar gritando, evitando pedir que elas sempre cantem “mais alto”, tirando-lhes a chance de perceber a diferença entre gritar e cantar, não devendo também cantar muito grave, nem agudo demais, fora da região de alcance das crianças, nem apresentar canções que tenham letra muito longa, exigindo muita repetição.

Segundo Lydia Hortélio (1977), educadora e etnomusicóloga também citada por Teca, a cultura infantil é entendida como experiência, descobertas, as relações das crianças entre elas mesmas, buscando reconhecer a si e ao outro numa interação com o mundo através da multiplicidade e riqueza dos brinquedos de criança. Os brinquedos com música fazem parte da vida da criança desde muito cedo, sendo os acalantos e brincos ouvidos

desde a mais tenra infância, geralmente por iniciativa materna, e as lengalengas e parlendas, onde os primeiros contornos melódicos se insinuam a par com o elemento rítmico da palavra. Existem também os brinquedos cantados, que incluem ações com variadas qualidades de movimento e que, por isso, sugerem músicas de caráter e perfil diferenciados.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998), no documento sobre música é muito valorizada a presença de brinquedos musicais no cotidiano da educação infantil, afirmando que em todas as culturas as crianças brincam com a música, sejam através de jogos e brinquedos musicais, como os acalantos (canções de ninar), as parlendas (os brincos), as rondas (canções de roda), as adivinhas, os contos, os romances etc. Estes são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fontes de vivências e desenvolvimento expressivo e musical, envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, que são legítimas expressões da infância.

Teca descreve em seu livro os *acalantos*, que são as cantigas de ninar, muito presente em nossa cultura, enfatizando a grande importância de cantar e embalar o bebê suavemente, procurando relaxá-lo, oferecendo-lhe um sono tranquilo.

Como diz Melo, citado por Teca,

a cantiga de berço, o suave embalo e aconchego nos braços das mães ou amas carinhosas, foi sempre, em todos os povos, o primeiro gesto de solidariedade ao recém-nascido. A vida começa, realmente, com o primeiro ninado da parteira, o acalanto inaugural, recebido sempre pelo bebê com gritos e protestos terríveis. (Melo, 1985, p.23, citada por Brito, 2003, p.97)

Alguns exemplos de cantigas de ninar mais conhecidos no Brasil citados pela autora são tutu-marambá; dorme, nenê; nana, nenê; boi da cara preta; senhora Santana e outros.

As *parlendas* e os *brincos* são as brincadeiras rítmico-musicais com que os adultos entretêm e animam os bebês e as crianças. As parlendas são brincadeiras rítmicas com rima e sem música e, os brincos são, geralmente, cantados com poucos sons, envolvendo o movimento corporal. Estes e os acalantos costumam ser as primeiras canções que

intuitivamente cantamos para os bebês e para as crianças menores. Alguns exemplos de parlendas mais conhecidas no Brasil são: amanhã é domingo; um, dois, feijão com arroz; uma, duna, tena, cantena; rei capitão; lá em cima do piano; barra manteiga; adoleta e muitas outras. Os exemplos de brincos são: a casinha da vovó; serra, serra, serrador; palminhas de guiné; bambalalão, etc.

A grande diferença entre parlendas e brincos, é que as primeiras são brincadeiras de iniciativa própria da criança, já os brincos são brincadeiras de iniciativa dos pais ou de outros adultos responsáveis.

Teca acha importante mencionar as atividades que envolvem som e movimento, sendo que o som torna-se movimento, gesto, que se integra com o movimento corporal.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Infantil (1998),

A realização musical implica tanto gesto como movimento porque o som é também gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos de flexão, balanceio, torção, estiramento, etc. e os movimentos de locomoção, como andar, saltar, correr, saltitar, galopar etc., estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros. (p.61)

O ritmo, segundo Teca, pode ser aprendido por meio do movimento e, a partir dos movimentos naturais dos bebês e das crianças. Isso não só amplia suas possibilidades de expressão corporal e movimento, como garante a boa educação rítmica e musical, além de equilíbrio, prazer e alegria, pois o ser humano pode-se considerar que é também um ser dançante.

Outro ponto muito importante no cotidiano dos bebês e das crianças é a *história*, pois ouvir e criar histórias estimula sua capacidade inventiva, desenvolvendo o contato e a vivência com a linguagem oral, ampliando recursos que incluem o vocabulário, as entonações expressivas, as articulações e a musicalidade própria da fala. Teca considera de grande importância para os bebês e para as crianças menores, que elas ouçam alguém que conte ou narre algo, independentemente do significado semântico. A história pode tornar-se

um recurso precioso no processo de educação musical, onde o faz-de-conta deve estar sempre presente.

É possível, ainda segundo a autora, transformar o trabalho com as histórias em situações de exercício musical, procurando tornar mais expressivas e sonoras as histórias que contamos às crianças, mesmo que seja usando apenas a voz clara e limpa, valorizando cada parte da narrativa por meio de mudanças de entonação, enriquecendo a interpretação e chamando a atenção dos bebês e crianças para a diversidade sonora e expressiva, e para a riqueza de possibilidades de exploração da voz. Ouvindo histórias contadas expressivamente, as crianças também desenvolvem essa atitude e o modo de se expressar.

O contar histórias pode ser uma atividade muito mais rica e envolvente quando se utiliza a voz, o corpo e outros objetos para ilustrar sonoramente a narrativa. O educador(a) pode contar e sonorizar sua história com a ajuda das crianças sempre que possível. Para isso, deve trabalhar com histórias não muito longas, com textos simples, que permitam dar atenção também à sonorização, podendo-se experimentar vários os sons da voz (imitação) e sons produzidos com o corpo (bater palmas, os pés, etc), utilizar objetos e materiais sonoros remetendo, por exemplo, às antigas radionovelas na época que não havia televisão, onde o ouvinte ao escutar imaginava toda a situação.

Pode-se contar histórias com instrumentos musicais, usando-os para imitar o efeito dos sons reais (como uma porta se abrindo, som dos pássaros, da chuva, trovão, passos etc.), que são exercícios de percepção e discriminação auditiva que apuram a sensibilidade e a escuta, além de estimular a imaginação e a criatividade.

Para trabalhar com os bebês e com as crianças muito pequenas, Teca nos sugere contar as histórias com nossa própria sonoplastia inventada, usar alguma técnica de sonorização para a história, como se usam nas peças teatrais ou filmes. Também é possível contar a história em duplas, uma narrando enquanto outra fazendo a sonoplastia, e se o sonoplasta for músico, estaremos ao mesmo tempo estimulando a atenção e a curiosidade

dos bebês e das crianças com relação aos sons musicais que ouvem, despertando o desejo de ver e manipular os instrumentos, quando tiverem acesso a eles.

Com relação à escuta sonora e musical, na concepção da autora aprender a escutar, com concentração e disponibilidade para tal, faz parte do processo de formação dos seres humanos sensíveis e reflexivos, capazes de perceber, sentir, relacionar, pensar, comunicar-se. Escutar é perceber e entender os sons por meio do sentido da audição, detalhando e tomando consciência do fato sonoro.

O universo sonoro que vai sendo apresentado aos bebês e as crianças os colocam em contato com grande variedade de sons produzidos pela voz humana, pelos sons corporais, pela natureza, pelas máquinas e também pela música.

É de grande importância aprender a escutar os sons da rua, do corpo, dos instrumentos musicais e outros, desenvolvendo ao mesmo tempo o respeito ao silêncio na procura de um equilíbrio entre esses dois pólos complementares (som e silêncio).

A escuta das obras musicais provoca emoções, sensações, pensamentos e comportamentos diversos, sendo que uma música que tem no ritmo o seu elemento mais determinante desperta a vontade de movimentar-se, de balançar o corpo, de dançar, ao passo que certas melodias despertam sentimentos e emoções subjetivas, únicas, distintas para cada um. Ao estimular a escuta de obras musicais Teca considera que é necessário ouvir e respeitar o silêncio, sendo aconselhável planejar as atividades de escuta musical não deixando simplesmente a música soando enquanto se cuida do bebê ou quando as crianças se entretêm com outras atividades, sendo importante valorizar a questão da escuta musical, evitando deixar que a música faça parte do espaço durante o tempo todo.

Em sintonia com o modo como os bebês e crianças de até seis anos percebem e se expressam, a escuta musical também deve integrar-se a outras formas de expressão, como a dança, o movimento, o desenho, a representação. O educador deve tentar um diálogo com a criança a respeito do que elas ouviram, identificaram, reconheceram.

Para finalizar, a autora considera que o material selecionado para a escuta deve contemplar muitos gêneros e estilos musicais, de diferentes épocas e culturas, privilegiando a produção musical do nosso país, com o cuidado de não limitar o contato das crianças ao repertório infantil. Com os bebês e crianças menores, é aconselhável selecionar obras musicais de andamento vivo, alegre, que estimulem o movimento e a atenção, alternando com outras mais calmas, a serem usadas nos momentos de relaxamento e descanso.

Capítulo IV.

Estudo de Nicole Jeandor

Ao nascer a criança entra em contato com o universo sonoro que a cerca, seja por sons produzidos pelos seres vivos e pelos objetos, isto é, através do acalanto da mãe e do canto de outras pessoas ou através dos aparelhos sonoros de sua casa.

Jeandor esclarece que em todas as civilizações costuma-se acalantar os bebês com cantos e movimentos, no qual as mães balançam suavemente seus bebês ao som de alguma melodia para acalma-los ou adormecê-los. Antes mesmo de nascer, ainda no útero materno, a criança já toma contato com um dos elementos fundamentais da música, que é o ritmo, através das pulsações do coração da mãe. Antes de começar a falar, pode-se ver o bebê cantar, gorjear, experimentando os sons que podem ser produzidos com a boca.

Ele também nos mostra que os bebês e as crianças gostam de acompanhar as músicas com movimentos do corpo, tais como palmas, sapateados, danças, volteios de cabeça etc. É a partir desta relação entre o gesto e o som que a criança, ouvindo, cantando, imitando, dançando, constrói seu conhecimento sobre a música. Quando o bebê começa a entrar em contato com os objetos, rapidamente ele começa a interagir com o mundo sonoro, que é, na opinião do autor, o embrião da música, e nessa medida, qualquer objeto que produz ruído torna-se para o bebê um instrumento musical capaz de prender sua atenção por muito tempo.

Jeandor diz que a criança é um ser “rítmico-mímico”, que usa espontaneamente os gestos ao sabor da sensação que eles despertam. Para ele um exemplo disto é observar um bebê com uma colher posta à sua disposição antes da sopa. ele vai, provavelmente batê-la na mesa, repetindo o gesto para renovar a sensação provocada, podendo repeti-lo várias vezes e de diversas maneiras, diversificando seus efeitos. Esse princípio de repetição e de variação, Pierre Schaeffer considera fundamental na música, da mesma forma que Jean Piaget o considera para o desenvolvimento da criança.

Para Jeandor a música exerce grande influência sobre o bebê e a criança e é por isso que os jogos ritmados, próprios dos primeiros anos de vida, devem ser trabalhados e incentivados na escola. Ao adulto caberá compreender em que medida a música constitui uma possibilidade expressiva privilegiada para a criança, uma vez que atinge diretamente sua sensibilidade afetiva e sensorial.

O autor considera o *ritmo* um elemento essencial da música, que determina seu movimento e sua palpação, representando o contraste entre o som e o silêncio. O ritmo vital é marcado por tensões e relaxamentos energéticos sucessivos, condicionados no dia-a-dia por nossa movimentação e por nosso ritmo fisiológico. Essa noção rítmica instintiva, a que se mesclam elementos sensoriais e afetivos, constitui a base de nosso senso de equilíbrio e harmonia, sendo que a criança possui essa noção instintiva de ritmo, mas a princípio não tem controle sobre ele devido a falta de maturação de seu sistema nervoso, o que a impede de estabelecer as coordenações neuromusculares necessárias. Foram demonstradas nas experiências do autor que, desde um ano de idade aproximadamente, a música incita o bebê a se balançar, embora não haja sincronização entre o ritmo da música e o balanço. Somente por volta dos três ou quatro anos essa sincronia se estabelece.

Um ponto que o autor enfatiza é que o espaço da sala de aula deve ter muitos objetos, onde as crianças possam manipulá-los com facilidade, e se movimentar livremente, vivenciando os sons e os ritmos que experimentam. A criança pequena, mesmo quando cercada por outras que tocam ou manipulam instrumentos, percute e experimenta os objetos inicialmente sozinha, podendo encontrar estímulo vendo outra criança produzir um som, mas não o faz para se entrosar com seu colega, e sim porque sente curiosidade pelo som produzido, procurando sua fonte de emissão, seu sustento, sua evolução, devendo ser, nesse aspecto, favorecida e incentivada.

Na opinião do autor nem todas as crianças nascem obrigatoriamente com dotes artísticos, mas todas têm direito ao conhecimento da arte e a serem despertadas e encaminhadas para ela através de cuidados especiais. Mas não basta falar de estética ou de beleza se não a vivenciamos, fazendo ver aí o grande papel do educador, que pode sentir,

perceber e vivenciar a relação com as crianças e das crianças com a música. É ele quem necessariamente deve ajudar a desenvolver as qualidades auditivas e o gosto pela música no contato com ela.

Jeandor finaliza enfatizando que a grande qualidade do educador é saber sugerir, e não há dom mais precioso que sugerir com entusiasmo. Se o educador ama sua técnica, ele será entusiasmado e a transmitirá com confiança e estímulo. Além da competência técnica, o educador deve ser também criativo, já que a necessidade de criar é comum a todas as crianças, e que assim, ao interagirem com o mundo, constroem seu conhecimento.

Considerações Finais

Apesar dos estudos sobre musicalização para bebês ainda serem ainda poucos, nas últimas décadas houve um aumento no número de pesquisas experimentais relacionadas à percepção e a cognição musical durante o primeiro ano de vida, demonstrando que os bebês são ouvintes sofisticados desde a mais tenra idade, sendo que estes já vêm ao mundo com certas predisposições para processar sons musicais, que tendem a se modificar com o decorrer do desenvolvimento infantil.

Depois de analisados os resultados das pesquisas abordadas neste trabalho, acredito que a música traz diversos benefícios para o desenvolvimento do bebê, podendo torná-lo mais confiante e equilibrado, com percepção auditiva mais sutil e aguçada, facilitando a comunicação, o relacionamento, o aprendizado, a movimentação, a expressão, a organização, atendendo às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas.

Outra questão muito importante no desenvolvimento dos bebês é a relação que as mães tem com seus filhos, pois simples atitudes como a de cantar para o bebê ou fazer brincadeiras com ele, já o estão preparando para as fases seguintes do aprendizado, desenvolvendo habilidades motoras, estimulando-o a expressar as estruturas musicais antes mesmo de poder falar. Esses bebês que recebem estímulos musicais adequados sem excesso ou escassez, aprendem a escrever mais facilmente e têm maior equilíbrio emocional.

A música pode ser um remédio eficiente se for também acompanhada de brincadeiras, desde que se mantenha a atenção às reações e limites de cada bebê. Não basta colocar um CD no quarto do bebê para ele ouvir e ir assistir à novela. É preciso tomar muito cuidado com o efeito calmante da música porque priva a criança de descobrir o mundo no qual acabou de chegar. Esse efeito calmante acontece quando se usa um timbre agudo com ritmo e altura bem marcados e persistentes, levando a um estado alterado de consciência que pode ser muito gostoso para os adultos, mas confunde os bebês, que ainda não tem referências claras de realidade.

A música também tem a capacidade de aproximar as pessoas, sendo muito importante, desde a gestação, que a mãe ouça música e a reproduza cantando ou tocando em algum instrumento para que ele ouça. Contar histórias ou apenas conversar com o bebê ajuda a desenvolver a aproximação dele com a mãe. Contudo a música, por sua capacidade de aproximar as pessoas, se utilizada pela mãe (cantando ou tocando para o bebê) desde a gestação, pode reforçar ainda mais esses laços.

A relação entre a música, os pais e o bebê são muito importantes não apenas no desenvolvimento da aprendizagem, das habilidades motoras, da socialização, da alfabetização e muitas outras que o bebê adquirirá ao longo dos anos, mas principalmente quando permite a aproximação dos pais com o bebê. Isso ajudará a manter uma relação de amor, sintonia e paz familiar.

Enfim, a criança que vive em contato com a música aprende a conviver melhor com as outras crianças e estabelece um meio de se comunicar muito mais harmonioso do que aquela que é privada da música. Um outro benefício se soma à esse quando a criança aprende a tocar algum instrumento que, mesmo sendo uma atividade solitária, não deixa a criança se sentir só ou carente de atenção.

Bibliografia

ALENCAR DE BRITO, Teca. **Musica na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Scipione, 1990.

BEYER, Esther. *A interação musical em bebês: algumas concepções*, in **Educação**. Campinas, v. 28, nº 02 – 2003.

BEYER, Esther. *A dança dos bebês: um estudo sobre os movimentos dos bebês ao ouvirem música*, in **Anais do III Seminário de Pesquisa em Educação – Região Sul**. Porto Alegre, 2000.

SENOI ILARI, Beatriz. *Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida*, in **Revista da abem**. Porto Alegre, v. 07, nº 07 setembro/2002.

www.ilndomus.musicaliza/artigos.textos.htm

www.clubedobebe.com.br/homepage/musicaparacrianças

www.bebenet.com.br/materias.det.asp

www.guiadobebe.aol.com.br/artigos/musicoterapia_um_santo_remedio.htm